

# TERRENO HÍBRIDO, LEITOR HÍBRIDO

Heloisa Helena Siqueira CORREIA

Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

E-mail: heloisahelenah2@hotmail.com

## **Resumo**

O presente trabalho objetiva refletir sobre o fantástico metafísico ou metafísica fantástica engendrada pelo escritor argentino Jorge Luis Borges quando, ao desrespeitar as fronteiras, burlar as vigilâncias disciplinares e invadir o território da metafísica, inaugura, nas fronteiras entre literatura e filosofia, um novo terreno estético. Percebe-se que tal terreno renova a ficção fantástica porque ao mesmo tempo em que pressupõe pactos de leitura já vivenciados pelos autores e leitores do fantástico tradicional e pelos rigorosos leitores da metafísica, frustra tais pactos, inventando, assim, um novo leitor.

## **Palavras-Chave:**

fantástico; metafísica; leitor, Borges.

O texto que ora se apresenta configura-se como um breve conjunto de reflexões acerca do modo como a obra do escritor argentino Jorge Luis Borges invade o território da filosofia inaugurando, nas fronteiras, um território híbrido, cruzamento de ficção fantástica e metafísica. Desse modo, à semelhança do que o escritor argentino considera ter sido um dos papéis de Edgar Allan Poe, a invenção do leitor do conto policial (BORGES, 1996, p.189-197), Borges inventa um novo leitor: aquele que lê a literatura como um fantástico metafísico e por conseguinte, lê a tradição da metafísica ocidental como uma metafísica fantástica.

São conhecidas e amplamente estudadas as apropriações que a literatura borgeana faz de elementos filosóficos como conceitos e categorias em sua obra, todavia trata-se de uma obra que, fortalecendo-se no papel transgressor da leitura, espalha o fantástico por sobre a história da filosofia e seus meandros, e de modo especial sobre a tradição da metafísica ocidental. Fá-lo de modo pontual e atômico, e não de modo exaustivo e extensivo, no entanto, a frequência e a intensidade impressas em tal tarefa movem periodicamente punhados fartos de terra a cada vez. A leitura cultivada finaliza a tarefa e ao cabo de algum tempo é possível que o leitor caminhe em um solo híbrido de fantástico e metafísica. Tal leitor, ao voltar ao suposto país filosófico, jamais será o mesmo, não encontrará a mesma metafísica ou melhor dizendo, nunca mais lerá a tradição metafísica com aquela atitude filosófica de reverência pela verdade, já a lerá como invenção fantástica surpreendente.

Quando Borges afirma em 1941, no texto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, que em *Tlön* “...a metafísica es una rama de la literatura fantástica” (1994a, p. 436) pode-se considerar que o escritor está, de modo extremamente sintético, retrazando as fronteiras entre filosofia e literatura e transformando a metafísica em literatura fantástica? Mas em que ponto começa o país literário, e onde termina? A discussão acerca das fronteiras pressupõe que elas existam. Existirão de fato? De acordo com critérios e demarcações literário-fictícios ou filosóficos? É possível à literatura mover marcações de seus próprios limites e da filosofia? Borges não reflete sobre o problema, sua atitude é de fazedor de ficções; é assim que promove a invasão da filosofia.

Já o filósofo francês Derrida, na obra *Margens da filosofia*, demora-se a pensar sobre a questão das fronteiras da filosofia, o que o leva a descobrir sua fragilidade e elasticidade. Nas palavras do pensador:

Se a filosofia entendeu sempre, pelo seu lado, manter-se em relação com o não-filosófico, mesmo com o anti-filosófico, com as práticas e os saberes, empíricos ou não, que constituem o seu outro, se ela se constitui segundo esse entendimento refletido com o seu exterior, se ela sempre ouviu falar, na mesma língua, dela mesma e de outra coisa, poder-se-á em todo rigor, marcar um lugar não-filosófico, um lugar de exterioridade ou de alteridade a partir do qual se pode ainda tratar *da filosofia*? (DERRIDA, 1991, p. 12-3).

De acordo com a reflexão do pensador, pergunta-se retroativamente sobre a voz que diz: “A metafísica é um ramo da literatura fantástica”. Essa voz outra e literária estará autorizada a reclassificar o estatuto filosófico? Há, nessa voz, o tom prazeroso de uma leitura que acha graça nas pretensões da metafísica em conhecer a totalidade do mundo. Ao que parece, há, nessa voz, o riso de uma leitura que vê a metafísica como uma construção edificada com a boa intenção de preencher o vazio da existência, nem que para isso seja preciso criar companheiros fantásticos para o solitário homem.

Sem cerimônias, Borges já emite sua opinião a respeito dos pensadores da metafísica e do gênero textual que produzem, em 1932, em certo comentário da obra *After Death* de Leslie A. Weatherhead:

*Yo he compilado alguna vez una antología de la literatura fantástica. Admito que esa obra es de las poquísimas que un segundo Noe debería salvar de un segundo diluvio, pero delato la culpable omisión de los insospechados y mayores maestros del género: Parménides, Platón, Juan Escoto Erígena, Alberto Magno, Spinoza, Leibniz, Kant, Francis Bradley* (BORGES, 1994a, p. 280).

Borges refere-se a uma obra de literatura fantástica ainda por fazer, sem dúvida, mas cujo projeto faz adivinhar a reinvenção de nosso olhar sobre a literatura e a filosofia. Borges sugere que, muito possivelmente, podemos ler os textos de filosofia com a mesma disposição e atitude com que lemos os textos fantásticos. A possibilidade de realização de tal sugestão carrega o aparecimento de um novo gênero literário ou de uma nova filosofia. Então, em que medida a sugestão borgeana se torna possível?

Ainda nas palavras de Borges, pronunciadas em 1932:

*En efecto, ¿qué son los prodigios de Wells o de Edgar Allan Poe – una flor que nos llega del porvenir, un muerto sometido a la hipnosis – confrontados con la invención de Dios, con la teoría laboriosa de un ser que de algún modo es tres y que solitariamente perdura **fuera del tiempo**? Qué es la piedra bezoar ante la armonía preestablecida, quién es el unicornio ante la Trinidad, quién es Lucio Apuleyo ante los multiplicadores de Buddhas del Gran Vehículo, qué son todas las noches de Shahrazad junto a un argumento de Berkeley? He venerado la gradual invención de Dios; también el Infierno y el Cielo (una remuneración inmortal, un castigo inmortal) son admirables y curiosos designios de la imaginación de los hombres* (BORGES, 1994a, p. 280-1).

Vê-se acima o tratamento igualitário dado à: metafísica, filosofia, teologia e literatura ocidentais, e também à filosofia e à literatura orientais. E o mais engenhoso, mas também mais inusitado: os motivos escolhidos por Borges para provocar a aproximação entre literatura e os seus mencionados “outros”. Borges estabelece equivalências entre invenções da ficção literária e invenções conceituais da filosofia e da teologia. E, ao final, vê-se que a imaginação é facultada universalmente aos homens.

Em texto de reflexão sobre a dublagem, também de 1932, Borges afirma:

*Los griegos engendraron la quimera, monstruo con cabeza de león, con cabeza de drágon, con cabeza de cabra; los teólogos del siglo II, la Trinidad, en la que inextricablemente se articulan el Padre, el Hijo y el Espíritu; los zoólogos chinos, el **ti-yiang**, pájaro sobrenatural y bermejo, provisto de seis patas y de cuatro alas, pero sin cara ni ojos; los geómetras del siglo XIX, el hipercubo, figura de cuatro dimensiones, que encierra un número infinito de cubos y que está limitada por ocho cubos y por veinticuatro cuadrados (BORGES, 1994a, p. 283-4).*

Facilmente se percebe que a natureza da monstruosidade acerca da qual o escritor se dedica a refletir no texto *Sobre el doblage* é identificada em variadas instâncias da cultura. Essa presença torna elásticas as fronteiras colocadas entre mitologia, teologia, zoologia e geometria. Borges menciona a quimera e o *ty-yiang*, ambos de monstruosidade evidente, a trindade, nunca encarada como monstruosa pelos fiéis, mas sim de modo reverente, e o hipercubo, até então de realidade apenas lógica e, portanto, abstrata, para explicitar a presença do monstruoso em variados ramos da cultura, em detrimento dos possíveis regulamentos em torno das fronteiras. Percebe-se, portanto, um processo de gradual desmantelamento dos limites pela via da monstruosidade e da *hybris* conceitual e figurativa.

Em 1957, ainda, Borges compõe um conjunto de animais fantásticos na obra *Manual de zoología fantástica*. Especificamente relacionados à tradição filosófica, apresenta dois em especial, denominados *Los animales metafísicos*, imaginados respectivamente nos séculos XVIII e XIX. A primeira criatura dessa zoologia fantástica é a “*estatua sensible de Condillac*” e a segunda o “*animal hipotético de Lotze*”. Ambas criaturas, segundo Borges, foram suscitadas pelo problema da origem das idéias (BORGES, 1990b, p. 18-9). Novamente será no exercício do raciocínio e da construção conceitual que se encontra o fantástico.

A consideração de que o homem hipotético de Condillac e o animal hipotético de Lotze são animais metafísicos parece denunciar o paradoxo da existência humana, já que classificar os animais como metafísicos fragiliza as fronteiras entre a existência natural e a metafísica (fantástica). Ainda é a questão das fronteiras que se aborda, embora de uma outra perspectiva. Desse modo, Borges novamente salienta o entrelaçamento entre o domínio do fantástico e o domínio do metafísico.

É com o mesmo espírito de abertura de Borges, reconhecível desde a década de 30, que o estudioso da literatura, Gass, em 1971, dedica-se a pensar as relações fronteiriças entre a filosofia e a forma da ficção. Em suas palavras:

A Filosofia tem muito de ficção. Sonhos, dúvidas, temores, ambições, êxtases... Se a Filosofia fosse uma torrente, eles a povoariam como peixes. Embora a ficção, em sua composição, seja pura filosofia, nenhum romancista criou um herói mais pomposo do que o simpático Absoluto... [...] Quem escreveu mais sobre a servidão humana – *Of Human Bondage* – ou meditou mais musicalmente sobre as afeições da vida, ou insistiu ternamente nos princípios

de sua própria reflexão? Não é divertido ouvir que o ‘desejo e a busca do todo chama-se amor’? E se nos quisermos tornar críticos, poderemos observar que o recurso de Descartes a uma glândula na cabeça, para explicar nossas relações com nós mesmos, é um simples logro da imaginação, e que para os filósofos, Deus está sempre em sua Máquina, saltando sobre fios como Peter Pan. (GASS, 1971, p. 17)

As palavras de Gass sugerem certo tom irônico, afinal, se se respeitar a história da filosofia como história do pensamento, a partir da obra dos filósofos e não de suas vidas, como se pode afirmar que a filosofia tenha sonhos, temores, ambições e êxtases? E pensando formas afins à ficção e à filosofia, o estudioso toma o *Absoluto* como herói, a *glândula pineal* como fruto da imaginação e *Deus* como operador da máquina; uma criança eterna que se diverte como *Peter Pan*. Embora sua crítica mais aguda se dirija à filosofia, Gass não deixa de pensar que literatura e filosofia são “consangüíneas e parecidas como duas irmãs” (1971, p. 18). Filósofos e literatos inventam personagens, os da filosofia são: o homem, a natureza, a alma e os personagens da literatura: casos singulares, como *Madame Bovary* (1971, p. 18).

Referindo-se diretamente às invenções borgeanas, Gass compara os monstros coletados pelo escritor argentino em *Manual de zoologia fantástica* (1957) e o monstro, segundo o crítico, “muito mais irresistível”, inventado por Borges em 1941: a biblioteca de Babel: “É nessa biblioteca que vivemos; é nessa biblioteca que dormimos; nossas confusões não alteram mais as partes dos animais, levam nosso conhecimento na direção de uma culminância da ilusão...” (GASS, 1971, p. 126) Quem se dedica a ler, pesquisar, fazer ciência e investigar entende palavra por palavra o que está sendo dito.

Textos multiplicados ao infinito por meio de estudos comentados, releituras que se sobrepõem a leituras, interpretações que digladiam ferozmente, textos cuja leitura pode preparar infinitamente a leitura do texto especial ou intrincado. Caminhos labirínticos do saber que, além de tortuosos, percorre-se solitariamente e no perigo da escuridão. Nele pululam referências que se perdem e mitos que se renovam, utopias que se perseguem e textos devorados por fogueiras assassinas.

Tudo isso talvez seja monstruoso, perturbador da ordem, da clareza e da luminosidade que o conhecimento deveria proporcionar e, ao mesmo tempo, é o que se constitui em guardião do conhecimento. Sem a monstruosidade, sem que sejamos interpelados ou atormentados por tantos desfazeres, não haverá conhecimento. E o que há fora de tal biblioteca? Seu aparente exterior ainda é ela mesma. Afirma Borges em 1941: “*El universo (que otros llaman la Biblioteca)*...” (BORGES, 1994a, p. 465).

Nossa vida diária, nossa cotidiana leitura dos acontecimentos do mundo, nosso senso-comum, nossas pequenas e contínuas crônicas e nossos diálogos parecem estar, igualmente, tingidos pela monstruosidade labiríntica da biblioteca. Embora a biblioteca de Babel inventada por Borges habite o interior de um texto que se apresenta como literatura e pretende abarcar a vida comum

dos homens, não poderá habitar também o interior da filosofia? Tal invenção e sua monstruosidade mantêm-se nos limites do discurso da vida e da literatura? Conseguirá a filosofia manter-se a salvo da tentacular biblioteca borgeana?

A partir dos anos 50, com as versões dos textos de Borges para o francês, o recebimento do Prêmio Internacional dos editores em 1961, bem como a publicação de um volume coletivo por L. Herne, dedicado tão somente a Borges, em 1964, sua obra passa a ser respeitada em vários países do mundo, e o hibridismo de seus textos passa a ser reconhecido como cânone para os que lêem e fazem determinados tipos de literatura. O crítico uruguaio Emir Rodrigues Monegal enfatiza a esse respeito: “Entre 1951 e 1970..., o destino de Borges na França, e no resto do mundo ocidental, alcançou proporções inesperadas” (MONEGAL, 1980, p. 19). E, a seguir, afirma o mesmo crítico:

A partir de então, Borges se converte não só em ponto obrigatório de referência, quando se trata de um certo tipo de literatura (seu nome aparece frequentemente associado aos de Kafka ou Nabokov), como também em ponto de partida para especulações críticas como as efetuadas por Genette e Ricardou, como estímulo para a invenção narrativa (Robbe-Grillet), filosófica (Michel Foucault), cinematográfica (Godard) (MONEGAL, 1980, p. 19).

Como se vê, a obra borgeana toca corpos de produções de várias áreas, inclusive o da filosofia. Cada um deles, lado a lado, aparentemente dispõe-se nos hexágonos da biblioteca de Babel.

Em contrapartida, é importante lembrar o controle exercido pela polícia discursiva, apontado por Foucault em *A ordem do discurso*, texto de 1970. E também aquilo que deve ser deixado de fora de cada área do saber pensada como disciplina:

No interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber.

O exterior de uma ciência é mais e menos povoado do que se crê: certamente, há a experiência imediata, os temas imaginários que carregam e reconduzem sem cessar crenças sem memória; mas, talvez, não haja erros em sentido estrito, porque o erro só pode surgir e ser decidido no interior de uma prática definida; em contrapartida, rondam monstros cuja forma muda com a história do saber (FOUCAULT, 1998, p. 33).

Não há dúvidas quanto ao controle que as disciplinas exercem sobre suas fronteiras, sobre o que deve se manter de fora ou o que tem licença para entrar e sair etc. O que não é digno da disciplina em questão ou não está de acordo com o que cada saber compreende como medida, então é desmedida, representa perigo e selvageria. Mas, como já percebemos ao pensar junto com Derrida, a fronteira demarcada pela filosofia é frágil exatamente na medida em que o faz somente a partir de seu próprio ponto de vista. Tal fragilidade sugere que a filosofia acaba por permitir que o monstro Biblioteca de Babel insira-a

no interior de suas estantes. Se a filosofia também ceder à força de atração da Biblioteca de Babel, sua tradição passa a se avizinhar e se misturar com a tradição da literatura. John Updike, em 1965, salienta em relação à Biblioteca de Babel: “Este monstruoso y cómico modelo del universo contiene toda la gama de escuelas filosóficas- idealismo, misticismo, nihilismo.” (UPDIKE, 1987, p. 167) o que, de novo, aponta para a percepção da afinação de literatura e filosofia em um mesmo espaço. Tal afinação permitirá realmente o desenho de um gênero fantástico e filosófico a um só tempo?

Borges, por sua vez, parece perceber que o problema das fronteiras se irmana com outro problema, desta vez interior, presente no âmbito de cada disciplina e da própria vida: trata-se da presença de falhas no terreno, solo, território que apoiam e sustentam a arquitetura de nossas explicações de mundo. Em 1932, em texto intitulado *Avatares de la tortuga*, afirma que nós sonhamos o mundo: “Lo hemos soñado resistente, misterioso, visible, ubicuo en el espacio y firme en el tiempo; pero hemos consentido en su arquitectura tenues y eternos intersticios de sinrazón para saber que es falso”. (BORGES, 1994a, p. 258). Temos aceitado *intersticios de sinrazón* porque não podemos suplantar esses vãos na arquitetura projetada e executada pela biblioteca de nossas ciências, filosofia, teologia, literatura, ou ainda nas prosaicas explicações criadas pelo nosso senso-comum. Nossa cultura esbarra com o que lhe escapa a todo momento. Essa é uma forma de nossa finitude. E há ainda algo a sublinhar: tais *intersticios de sinrazón* parecem localizar-se tanto fora como dentro das disciplinas ou exatamente em suas fronteiras. Inclusive nas fronteiras da filosofia.

No *Prefácio* da obra intitulada *As palavras e as coisas*, Foucault ensaia a nova paisagem heteroclítica dos saberes. Inevitavelmente encontra-se o homem no novo quadro, mas saberá disso? Poderá ele saber qual é o seu novo lugar? Dentro do homem, ao redor dele e dos saberes que produz, ignorando o conhecimento e as fronteiras, existe então o impensado, o *intersticio*. Foucault, ao mencionar o texto borgeano, denuncia o mal estar provocado por sua leitura, a percepção de que o lugar comum das coisas fora arruinado, já que a arbitrariedade da série alfabética utilizada na classificação não garante parentesco, similaridade ou afinidade alguma entre as coisas (FOUCAULT, 1987).

Refletindo a partir de tal pensamento de Foucault, percebe-se que, em se tratando de tentar compreender o lugar do homem na paisagem dos saberes, há que se atentar para uma taxonomia em movimento na obra borgeana. Ao afirmar em 1941 que a “... metafísica é um ramo da literatura fantástica”, Borges reclassifica parte do universo do saber e descobre temporariamente um espaço do território de saberes, mostra o *intersticio de sinrazón* sem máscaras, sem arquiteturas, sem preenchimento, ao mesmo tempo em que provoca, nesse espaço vazio, o vazamento da metafísica, desta vez acompanhada da literatura.

O espaço do *intersticio*, o que foi deixado temporariamente descoberto, pode, então, ser pensado como um ponto aberto da linha demarcatória das fronteiras entre filosofia e literatura e, por isso, lança-se uma ideia: ele também não estaria exercendo o papel de ponte e passagem, um modo subter-



râneo de pensar e estabelecer relações? Se o interstício jamais é solo fixo, é, antes, o buraco, a cova, a erosão, o túnel, de acordo com a perspectiva adotada neste ensaio, indica-se que Borges transita livremente de um domínio a outro do saber e do discurso através dos interstícios. Em um mundo de fronteiras elásticas e plásticas, Borges lança mão do poder da Biblioteca e se aproveita do interstício ao criar novos protocolos e atitudes de leitura.

Percebe-se, desse modo, que o fantástico borgeano desenha-se sobre variados campos e tradições, com ênfase para a tradição da metafísica ocidental, cujos conceitos podem ser identificados em narrativas fantásticas borgeanas que lhe emprestam outras performances e estatutos. Tais são os casos, por exemplo, de conceitos como: eternidade, onisciência, infinito, determinismo, onipresença e causalidade, entre outros, que são transformados em matéria da ficção que engendra o fantástico apontando para a possibilidade de uma metafísica fantástica ou de um fantástico metafísico.

O ensaio-conto *Historia de la eternidad* (BORGES, 1994a, p. 353-367), de 1936, de Jorge Luis Borges trata a eternidade, um dos atributos da divindade e uma categoria metafísica, como uma personagem da qual o autor está traçando a biografia; para tanto passa pelas concepções de Platão, Ireneo, Plotino, Santo Agostinho, Erígena, passa por uma experiência pessoal com o eterno e, ao final, nega a eternidade.

Se Deus é onipresente no âmbito de determinada explicação metafísica sobre o mundo, o ensaio borgeano *El acercamiento a Almotásim* (BORGES, 1994a, p. 414-418), em contrapartida, sutilmente mostra ao leitor um ambiente em que tal explicação está sendo problematizada e tornada fantástica, uma vez que a onipresença aparece em cacos: o estudante protagonista, apesar de reconhecer a divindade em vários homens com os quais se encontra, continua procurando a mesma divindade. O suposto poder da onipresença fracassa e provavelmente Almotásim não será o final da busca do estudante, será apenas mais um fragmento da presença de Deus, apenas uma herança da onipresença implicada em uma suposta explicação de cunho metafísico. Este fragmento fantástico move a narrativa do princípio ao fim. Beatriz Sarlo, no livro intitulado *Borges, un escritor en los orillas*, de 1993, atenta para o alcance da ficção: "*La literatura fantástica habla del mundo no a través de su re-presentación sino por contradicción y divergencia. No le interesa descifrar sino cifrar*" (SARLO, 1998, p. 203).

Outro conto borgeano, o conto *El Aleph* de 1941 (BORGES, 1994a, p. 617-628), pode ser lido como uma metamorfose da onisciência, atributo da divindade, em elemento fantástico e fictício. Repare-se, nas linhas abaixo transcritas, a natureza a um só tempo metafísica, física e fantástica do *aleph*:

*El diámetro del Aleph sería de dos o tres centímetros, pero el espacio cósmico estaba ahí, sin disminución de tamaño. Cada cosa (la luna del espejo, digamos) era infinitas cosas, porque yo claramente la veía desde todos los puntos del universo* (BORGES, 1994a, p. 625). 7



É preciso ainda atentar para o fato de que os procedimentos textuais borgeanos, bem como o tratamento que dispensa aos temas metafísicos ou da tradição da literatura fantástica apenas conseguem renovar a ficção fantástica porque trabalham sobre pactos de leitura já vivenciados pelos autores e leitores do fantástico tradicional e pelos rigorosos leitores da metafísica. De que outra forma *El otro*, conto borgeano que retoma temas recorrentes da literatura fantástica -a viagem no tempo e o duplo- poderia causar perplexidade no leitor? No mesmo sentido, como *Aleph* poderia causar inquietação se não há exatamente surpresa, uma vez que o relato pratica intertexto com o célebre conto *O ovo de cristal*, de H. G. Wells? Borges conhece os efeitos do fantástico tradicional e da metafísica sobre o leitor e os frustra, para criar outros efeitos, de aguda crítica ou dúvida radical a respeito de qualquer certeza do que é real e do que é absolutamente irreal.

#### CORREIA, H. H. S. HYBRID SPACE, HYBRID READER

##### **Abstract**

*In this work we aim at reflecting on the metaphysical fantastic or fantastic metaphysics engendered by the Argentine writer Jorge Luis Borges when, disregarding boundaries, he evades the disciplinary surveillance and invades the territory of metaphysics. Borges inaugurates at the borders between literature and philosophy, a new aesthetic space. One notes that such space renews the fantastic fiction because, while it requires reading pacts already experienced by the authors and readers of the fantastic and the traditional strict readers of metaphysics, it frustrates such covenants, inventing, so a new reader.*

##### **Keywords**

*fantastic; metaphysics; reader, Borges.*

#### **Referências**

BORGES, J. L. El cuento policial. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: 1975-88*. Barcelona: Emecé Editores, 1996. v. 4, p.189-197.

\_\_\_\_\_. *Obras completas: 1923-49*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1994a. v. 1, 638p.

\_\_\_\_\_. Historia de la eternidad. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas: 1923-49*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1994a. v.1, p.353-367.

\_\_\_\_\_. El acercamiento a Almotásim . In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas: 1923-49*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1994a. v.1, p. 414-418.

\_\_\_\_\_. El Aleph. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas: 1923-49*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1994a. v.1, p. 617- 628.

DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa, Antonio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991. 373p.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998. 79p.

GASS, W.H. *A ficção e as imagens da vida*. Tradução Edilson Alkmim Cunha. São Paulo: Cultrix, 1971. 254p.

MONEGAL, E. R. *Borges: uma poética da leitura*. Tradução Irlemar Chiampi. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980. 187p.

SARLO, Beatriz. *Borges: un escritor en las orillas*. Ariel: Buenos Aires, 1998. 206p.

UPDIKE, John. El autor bibliotecário. In: ALAZRAKI, Jaime (Org.) *Jorge Luis Borges*. Madrid: Taurus, 1987. p. 152-169.